

MÍOPE, O CONSTITUINTE DA TESSÁLIA

ALCINO LAGARES CÔRTEZ COSTA – CORONEL PM

Membro da Academia de Letras de Uberlândia; Membro da academia de Letras do Brasil Central.

PARTE I

Local: uma praça pública, em Atenas.

Ano: 491 a. C.

Situação: Sócrates é procurado por Míope, um legislador da Tessália

Míope: Trago-te a Constituição da Tessália, ó Sócrates, sabedor de tua sabedoria. Acho-a quase perfeita, no campo de segurança pública. A todos garantimos o direito à vida, à liberdade, à propriedade e à segurança. Mas, como ocorrem, diariamente, incontáveis crimes, penso em unificar os Guardiães das Ruas com aqueles que investigam delitos, transformando-os numa guarda única.

Queres, pois, opinar, ó Sócrates, sobre o texto da Segurança Pública de Tessália?

Sócrates: – Os tessálios eram famosos por suas riquezas e por sua arte de montar. Vejo, agora, ó Míope, que são também sábios; eis que, em Atenas, nossos legisladores ainda não escreveram sobre a segurança pública.

Aliás, eles têm dúvidas sobre como elaborar tal texto e da tanto conviver com eles, também eu estou cheio de dúvidas. Pensando bem, não sei nem mesmo o que é “segurança pública”; e, sem saber o que ela é, como poderia opinar sobre um texto de tal natureza?

Míope: – Como? Será mesmo verdade que Sócrates não saiba o que é segurança pública?

Sócrates: – Não apenas é verdade que não o sei, como também jamais encontrei alguém que o soubesse; mas, se tu me ensinares, inicialmente, o que ela é, talvez eu possa opinar sobre teu texto e se ele pode levar segurança ao povo.

Míope: – Será fácil ensinar-te, ó Sócrates. Aqui está, no artigo

CXLIV: para o Estado, segurança pública é um dever, para os cidadãos é um direito e uma responsabilidade.

Sócrates: – Caro Míope, eu que procurava uma única segurança pública, encontrei um enxame delas! Mas, dize-me, Míope, não te parece que a essa definição poderia convir também à saúde, ou à educação nas cidades? Não seriam elas também deveres do Estado, direito e responsabilidade de todos?

Míope: – Sem dúvida...

Sócrates: – Ora, então, nesse enxame, posso entender que segurança pública esteja contida; mas, ainda não sei o que ela é. Peço-te que te esforces para melhor esclarecer-me.

Míope: – Com prazer. Eu tinha lido apenas uma parte do artigo. Aqui diz também que ela será exercida através dos seguintes tipos de guardiões:

- I – uns serão guardiães de estradas;
- II – outros investigarão o contrabando e prejuízos à nação;
- III – outros guardarão as ruas;
- IV – outros, ainda, investigarão delitos em geral.

Sócrates: – Que bela peça literária, amigo Míope! Com tais prescrições, certamente os larápios não mais se sustentam da rapina, e os violentos são afastados do meio dos bons cidadãos. É assim na Tessália?

Míope: – Disseste bem, Sócrates. Assim deveria ser; mas...

Sócrates: – Mas, aqui em Atenas esses maus cidadãos têm direito a um julgamento e, muitas vezes, podem defender-se em liberdade, nas ruas, através da hábeis rúbulas!

Míope: – ... na Tessália também!

Sócrates: – Dize-me: como são punidos os maus tessálios?

Míope: – Nossas leis dizem que aqueles que cometerem delitos que mais amendrontam os bons sejam confinados em presídios. Mas, como ocorrem mais delitos do que há vagas nas prisões, invariavelmente voltam às ruas, em grande número. Além disso, nossos magistrados não conseguem examinar o mérito de todos os delitos, tal a frequência

com que ocorrem. Há, também, muitos que não são encontrados pelos guardiães. Portanto, caro Sócrates, insisto em dizer: os guardiães devem crescer em número nas ruas, para melhor proteção aos bons cidadãos e intimidação aos maus.

Sócrates: – Poderias dizer-me quantas são as vagas nos presídios e quantos cometeram delitos?

Míope: – No ano 493 (há 2 anos) em Larissa, um Conselheiro revelou-nos serem 60.000 os presos do país e 180.000 as ordens judiciais para novas prisões. Os primeiros estavam, já, em regime de superpopulação carcerária. Muitos outros haviam cometido crimes e não foram julgados.

Sócrates: – Não te parece, Míope, que com tantos malfeitores nas ruas, os bons cidadãos acabam se aprisionando nas próprias casas?

Míope: – Agora que o disseste, começo a perceber que é o que já está acontecendo.

Sócrates: – E, sem punição, podemos acreditar que, mesmo aumentando-se os guardiães, os delinquentes se multiplicarão em maior número e dominarão as ruas?

Míope: – Lembro-me, agora, de outra informação que nos dera aquele mesmo conselheiro.

Sócrates: – Que informação?

Míope: – 85% dos crimes violentos são reincidências.

Sócrates: – Que se segue daí?

Míope: – Segue-se que, se esses delinquentes estivessem presos, a criminalidade seria 15% da que é hoje.

Sócrates: – E, na Tessália, cabe aos guardiães construir os presídios, por acaso?

Míope: – Em nenhuma lei!

Sócrates: – Tampouco em Atenas; mas, não reza o teu texto-constitucional que são os guardiães das cidades que exercerão a segu-

rança pública?

Míope: – Por Deus
Verdadeiramente lá está escrito isso!

Sócrates: – Poderíamos concordar que, como foi redigida a constituição tessália, considerando os números citados, o dever do Estado jamais será cumprido, serão parcialmente?

Míope: – Poderíamos.

Sócrates: – Precisamos, então, aumentar o número de guardiães?

Míope: – Certamente que não. Com os maus cidadãos presos, os guardiães poderiam ser menos numerosos, mais bem remunerados e instruídos, haveria maior economia pelo Estado e os cidadãos seriam livres, afinal!

Sócrates: – Que concluir, então, amigo tessálio, sobre o Artigo CXLIV da tua Constituição?

Míope: – Vejo, agora, ó Sócrates, que a segurança pública não pode ser dever apenas dos guardiães: necessariamente incluirá os juizes do povo e um eficaz sistema prisional.

Sou-te grato, Sócrates, por me teres despertado!

Sócrates: – NOSCE TE IPSUM, Tessálio, NOSCE TE IPSUM!

PARTE II

Em 1989, em Goiânia, durante o 1º Seminário Nacional de Controle da Criminalidade Violenta, o Sr. Ministro da Justiça informou-nos que, no Brasil, havia aproximadamente 60.000 presos (estes em regime de superpopulação carcerária) e eram 180.000 os mandados de prisões a cumprir.

Atualmente, há alguns legisladores que dizem ser a solução a fusão da Polícia Militar com a Polícia Civil, transformando-as numa polícia única: é mera coincidência!